

# HISTORIOGRAFANDO O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM PICOS: MEMÓRIAS PRODUZINDO HISTÓRIA

*Data de aceite: 02/05/2023*

**Norma Patrícya Lopes Soares**  
Universidade Federal do Piauí

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa acerca do ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (cidade de Picos/PI), portanto, muito ainda se tem a desvelar no decorrer da coleta e análise dos dados.

Apresentaremos a evolução dos seus currículos no período histórico de 1982 a 2006 e alguns relatos referentes ao ensino daquela disciplina, pois como afirma Hunt (2001, p. 28-29) “... a ênfase na história cultural incide sobre o exame minucioso – de textos, imagens e ações - e sobre a abertura de espírito diante daquilo que será revelado por esses exames”.

Busco pesquisar a história das disciplinas escolares, colocando os conteúdos de ensino da história da

educação no centro das preocupações, porque como professora da Área de Fundamentos Históricos da Educação no curso supra citado inquietou-me conhecer como vem se estruturando, especificamente, a disciplina de História da Educação, além de tentar compreender a prática docente dos professores que a ministraram ao longo dos anos e a relação da disciplina no currículo do curso.

Quando a sociedade impõe à escola suas finalidades e a escola busca o apoio da sociedade para criar, por exemplo, as disciplinas escolares, acreditamos que é ao redor daquelas finalidades que são projetadas as políticas educacionais os programas, os planos de curso, e é também em torno dessas finalidades que ocorre a construção e transformação histórica da escola.

O recorte histórico - 1982 a 2006 - compreende o ano de implantação do Campus Universitário na cidade de Picos e a criação do Curso de Pedagogia em cujo currículo constava a disciplina em estudo, e estende-se até o período letivo anterior

ao início desta pesquisa.

A fundamentação teórica deste trabalho baseia-se na Nova História Cultural, especialmente com as ideias de Peter Burke (1992) e Antônio Nóvoa (1998); na história das Instituições escolares com Décio Gatti Júnior e Geraldo Inácio Filho (2005) e em historiadores que tratam do ensino de História, dentre eles Geraldo Balduino Horn e Geysa Dongley Germinari (2006). Recorremos aos teóricos: Selma Garrido Pimenta, Paulo Roberto Padilha e Tomaz Tadeu da Silva na medida em que nosso estudo carecia de conceituação e caracterização de **disciplina escolar, prática pedagógica e currículo**. E, por se tratar de uma pesquisa do tempo presente fizemos uso da história oral. Assim, o texto contém relatos de professoras que ministram e/ou ministraram essa disciplina no período em estudo.

Para dissertarmos sobre o ensino da História da Educação em Picos convém situarmos brevemente o ensino da História da Educação no Brasil para então tecermos acerca da institucionalização daquela no objeto deste estudo, o curso de Pedagogia do Campus da UFPI/Picos.

A disciplina História da Educação está vinculada aos cursos de formação de professores, o que por vezes produziu constrangimentos teóricos e institucionais gerando, com isso, uma série de trabalhos como o de Warde (1990), que sustenta:

o processo de subtração da história da educação do campo da história e de sua inserção entre as ciências da educação subordinou-se aos critérios de hierarquização e composição curricular que comandaram os investimentos teóricos e institucionais do grupo de intelectuais que se articulou a partir de 1932, na Associação Brasileira de Educação, postulando para si o estatuto de *renovadores da educação* (grifo da autora). Segundo esses critérios, a história da educação teve o seu estatuto configurado: instituída como disciplina destinada à formação de professores, foi apartada do campo da investigação histórica; ao mesmo tempo foi secundarizada no campo da educação, no qual a sociologia, a psicologia e, por extensão, a biologia, ganharam o estatuto de ciências matriciais. Subordinada à filosofia, configurou-se como disciplina escolar de caráter marcadamente moralizador (WARDE, 1984, 1990, apud CARVALHO, 2005, p. 34).

Contudo, as grandes mudanças que estão sendo produzidas no campo da historiografia vêm repercutindo diretamente na disciplina história da educação, o que tem levado o historiador a interrogar e lançar novos olhares sobre as fontes disponíveis, não mais buscando nas gavetas do passado as origens ou fundamentos das práticas pedagógicas do presente.

Assim, segundo Carvalho (2005, p. 35),

a história da educação passa a tematizar a perspectiva dos sujeitos dos processos investigados, trabalhando com as *representações* que os agentes históricos fazem de si mesmos, de suas práticas, das práticas de outros agentes de instituições – como a escola – e dos processos que as constituem (grifo da autora).

## No entendimento da professora e pesquisadora Maria Alveni Barros Vieira<sup>1</sup>,

Durante algum tempo a disciplina História da Educação foi vista em várias partes do mundo com criticidade, chegando a ser considerada por alguns estudiosos do século XIX e XX como uma área do conhecimento inútil dada à sua 'fragilidade científica'. A pouca familiaridade com o trato da teoria, com a reflexão filosófica e a epistemologia da ciência por parte dos historiadores da educação proporcionava os instrumentos para as reiteradas opiniões negativas sobre a disciplina. É possível supor que, os questionamentos feitos envolvendo o status científico da História da Educação, reflitam a forma como a disciplina viria a ser trabalhada nos cursos de formação de professores (informação verbal).

A reflexão sobre esse tipo de problemática vem se tornando cada dia mais significativa na medida em que proporciona a definição da posição da disciplina no campo da pesquisa educacional e põe em questão o seu caráter de saber subsidiário de outras áreas da pesquisa em educação.

Por isso, discutir sobre o ensino de história da educação, necessariamente recai sobre a perspectiva curricular, o que suscita uma explanação sobre teoria curricular.

Ao pensarmos em currículo escolar, de imediato nos vem à mente grade curricular e conteúdos escolares, além de projeto político pedagógico, princípios, diretrizes e propostas pedagógicas.

Mas o que é realmente currículo?

Segundo Silva (1999, p.15), "o currículo é sempre resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes; seleciona aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo".

Silva afirma existirem várias Teorias de Currículo e as categoriza de acordo com os conceitos que elas enfatizam.

Padilha também apresenta as teorias de currículo, citando inclusive o estudo de Silva. Vejamos a seguir algumas teorias:

- a) A Teoria Tradicional de Currículo enfatiza os seguintes elementos: ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia, didática, organização, planejamento, eficiência e objetivos. Este tipo de currículo se preocupa principalmente com a organização e o método e vem da *Didática Magna* de Comenius (PADILHA, 2004).
- b) A Teoria Crítica de Currículo prioriza os conceitos: ideologia, reprodução cultural e social, poder, classe social, capitalismo, relações sociais de produção conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto e resistência (PADILHA, 2004).
- c) A Teoria Pós-Crítica de Currículo, destaca os seguintes elementos: identidade, alteridade, diferença, subjetividade, significação e discurso, saber-poder, representação, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade e multiculturalismo (PADILHA, 2004).

<sup>1</sup> Professora que atualmente ministra a disciplina História da Educação no Campus de Picos. Depoimento concedido em Junho de 2007 para a realização desta pesquisa.

Assim, segundo Padilha (2004, p. 123),

As 'teorias tradicionais' se apresentam como neutras, científicas e desinteressadas, já que os saberes dominantes representam a existência do que ensinar e as técnicas existentes, já definidas cientificamente, (...). Por isso resta apenas transmitir o conhecimento inquestionável, de forma bastante organizada, (...).

As teorias críticas e pós-críticas não aceitam esses argumentos, apresentando questionamento sobre o porquê de se trabalhar determinados conhecimentos e não outros, tentando desvelar a ideologia oculta sob o rótulo da neutralidade científica (...).

Com base nesses pressupostos tentaremos relacionar a disciplina História da Educação com as teorias de currículo apresentadas anteriormente.

Ainda sobre currículo, alguns autores entendem que há pouco estudo daí persistirem os pressupostos e paradigmas clássicos. Horn e Germinari (2006, p. 15), afirmam que “há uma aceitação passiva das posturas que em grande medida desconsideram a complexidade do estudo do currículo para mudar suas perspectivas básicas”.

Percebe-se em muitas situações de ensino que

O poder<sup>2</sup> está atento para definir o que será tomado como conhecimento, quão acessível a diferentes grupos estará qualquer conhecimento, e quais são as relações aceitas entre diferentes áreas de conhecimento e entre aqueles que têm acesso a elas e as tornam disponíveis (YOUNG, 1971, p.35, apud, HORN e GERMINARI, 2006, p.16).

Nessa perspectiva, constata-se que o currículo sempre foi tomado com o objetivo de selecionar, organizar e abordar os conhecimentos científicos. Mas, Bernstein (1971, apud HORN e GERMINARI, 2006, p. 22), considera que “a maneira como a sociedade seleciona, classifica, distribui, transmite e avalia o conhecimento educacional reflete tanto a distribuição de poder quanto os princípios de controle social”.

Faz-se necessário ter claro que não existe linha pedagógica totalmente original. Dada a diversidade de pesquisas na área, a história da educação rica em possibilidades teóricas e em relato de práticas educativas múltiplas e sabendo-se que as práticas hoje são a síntese de muitas outras práticas dialeticamente constituídas, não há como se pensar que, em uma sociedade globalizada também do ponto de vista do conhecimento, haja originalidade absoluta. Original é a re-leitura feita desta história e a forma como se pode adequá-la a nossa realidade compondo, então, uma prática da comunidade escolar.

Com relação à conceituação e caracterização de prática pedagógica tomemos por base as ideias de Pimenta (2004, p. 42) quando afirma ser **ação pedagógica**

as atividades que os professores realizam no coletivo escolar supondo o desenvolvimento de certas atividades materiais orientadas e estruturadas. Tais atividades têm por finalidade a efetivação do ensino e da aprendizagem por parte dos professores e alunos. Esse processo de ensino e aprendizagem

---

2 Poder aqui entendido como o sistema educacional determinante do estabelecimento dos conhecimentos a serem transmitidos nas instituições de ensino.

é composto de conteúdos educativos, habilidades e posturas científicas, sociais, afetivas, humanas; enfim, utiliza-se de mediações pedagógicas.

Por prática pedagógica podemos afirmar se tratar das formas de educar que acontecem em diferentes contextos e situações institucionalizadas, configurando, assim, a cultura, as tradições, os costumes e o modo de educar pertinente a determinadas instituições.

Nesse sentido a estrutura da prática pedagógica institucionalizada “obedece a múltiplos determinantes tendo sua justificação em parâmetros institucionais, organizativos, tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores e das condições físicas existentes” (ZABALLA, 1998, apud PIMENTA, 2004, p. 41-42).

Sabe-se que toda ação pedagógica implica em decisões sobre que conhecimento ensinar, para quem e como fazê-lo. Mas decisões pedagógicas e curriculares não são autônomas, pois as decisões pedagógicas relacionam-se com estruturas de poder que controlam a distribuição do conhecimento de modo diferenciado. Assim também ocorre com os currículos, uma vez que a sua lógica alicerça-se numa concepção de conhecimento decorrente de um paradigma de ciência e de mundo.

Após a explicitação dos referenciais adotados ao longo desta análise, convém esclarecer a metodologia adotada para a construção dessa narrativa.

A princípio realizamos pesquisa documental objetivando fazer o levantamento dos Planos de Curso e Propostas Curriculares adotadas no período em estudo, depois utilizamos a memória. Convém ressaltar que “a memória como um campo interdisciplinar possui várias faces, mas nos interessam nesse texto somente duas: a memória como *fonte oral* a partir das recordações e a memória como *fenômeno histórico, ou seja, história da memória coletiva, história social da recordação*” (RANZI, 2007, p. 323) (grifo do autor).

Dessas duas possibilidades de memória fizemos uso daquela que se relaciona com a história, especificamente com a história das disciplinas escolares, uma vez que segundo Macron (2000, apud RANZI, 2007), frequentemente a memória intercala o trabalho do historiador, pois aquela passou a ser elemento constitutivo do processo de construção de identidade.

Nessa perspectiva, nos dizeres de Ranzi, (2007, p. 350), “o alcance da fonte oral para estudos do tempo presente, é reconhecidamente promissor, pois revela as ações e criações dos professores”. E, confirmamos ainda, baseado em Ranzi (2007, p. 350-351) que

trabalhar com a memória é recuperar, em certo sentido, as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, é entender o professor construindo a sua experiência com mais ou menos liberdade, com mais ou menos condições, efetuando práticas demarcadas, modeladas na descontinuidade das trajetórias históricas, o que [não] seria possível somente a partir das fontes escritas.

A memória enquanto fonte oral possibilita uma interpretação histórica mais completa e mais rica uma vez que exige uma relação dialética entre as fontes orais e os demais documentos utilizados no processo de busca e apreensão da realidade histórica do fato, ou seja, ela contribui para compreender entre “o dito e o não dito e entre o que foi dito ou escrito de maneira diferente” (GARRIDO, 1993, p.38). Entretanto, convém lembrar Peter Burke (1992), quando nos alerta que devemos estar atentos à seleção consciente e inconsciente, à interpretação e à distorção que a memória pode estar sujeita.

Assim, o uso da memória, seja ela como fonte oral ou como fenômeno histórico permeará toda a construção deste trabalho para captar o não-dito, para analisar o ensino de história da educação no campus em apreço e seu cotidiano tendo como foco, neste momento, os professores da referida disciplina e num segundo momento alguns de seus alunos.

Embora exista uma grande variedade de contribuições dos teóricos à área educacional e em especial à do currículo e da prática pedagógica, que expõem de forma clara os mecanismos que levam ao acirramento ou superação dos conflitos entre os diversos grupos sociais, não é este o foco desse trabalho. Assim, passemos à evolução histórica do ensino da disciplina História da Educação no curso de Pedagogia no Campus de Picos da UFPI no período de 1982 a 2006.

## **O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CAMPUS DE PICOS**

O Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB), mais conhecido como Campus de Picos “...iniciou suas atividades pedagógicas, no ano de 1982, com os seguintes cursos de Licenciatura Curta: Pedagogia com habilitação em Supervisão Escolar e Administração Escolar; Letras, Estudos Sociais e Ciências ...” (SOUSA, 2003, p. 38). Dois anos depois ocorreu a plenificação dos cursos em razão da necessidade local. No ano de 1987, através da Resolução nº 002/87, as atividades acadêmicas são extintas por vários motivos, voltando a funcionar *sub judice*. Finalmente em 1989 o Campus volta a funcionar regularmente sem mais interrupções.

Com relação à estrutura curricular do curso de Pedagogia, Sousa (2003, p.41) nos esclarece afirmando que “seguem-se quatro momentos do curso que são determinados de linhas curriculares. As linhas curriculares garantem a seqüência horizontal do currículo e estabelecem a organização vertical das disciplinas em blocos por período letivo”.

Dentre as disciplinas constantes na estrutura curricular do curso de Pedagogia destacamos aquela relacionada à História da Educação Geral. A mesma sempre esteve presente na formação do pedagogo picoense, apresentando uma variedade de nomes e uma pequena diversidade de ementas e cargas horárias como pode ser constatado no Quadro I<sup>3</sup>.

---

3 O quadro resumo apresentado ao final do texto contém dados dos planos de curso localizados no Arquivo Morto da

## Segundo depoimento da professora e pesquisadora Maria Alveni Barros Vieira<sup>4</sup>

No CSHNB, a disciplina História da Educação, de início, era trabalhada apenas no curso de Pedagogia. Até meados da década de 1990, teve como professora a historiadora Maria Eunice Soares Teixeira e após seu afastamento das atividades docentes no Campus a disciplina ficou sendo ministrada por pedagogos.

(...)

Na forma como vem sendo trabalhada no CSHNB, revela que no transcurso do tempo de sua existência sua proposta de conteúdos programados manteve-se inalterada (...) (informação verbal).

Convém ressaltar que nos dados de identificação constantes nos Planos de Cursos a disciplina História da Educação fora ministrado por professores substitutos. E, através de conversas informais, soubemos que Maria da Conceição Silva Albano também compôs o quadro efetivo de docentes da Instituição em apreço, tendo ministrado várias vezes a disciplina supra citada. A partir dessas informações conversamos com Eunice Teixeira e Conceição Albano.

Ao entrevistar a Professora e historiadora Maria Eunice Soares Teixeira<sup>5</sup> sobre a perspectiva de formação da disciplina em apreço, esta afirmou que

(...) visava resgatar todo o processo da História da Educação Geral e Brasileira com a finalidade de fazer com que o aluno entendesse de forma contextualizada as reformas e as políticas de educação implantadas, principalmente no Brasil; e que através da compreensão da literatura estudada se pudesse aprimorar a prática educativa na perspectiva de não cometer erros anteriormente praticados (informação verbal).

Já para a professora Maria da Conceição Silva Albano<sup>6</sup> “o ensino da disciplina foi centrado no resgate da história da educação numa perspectiva contextualizadora, oportunizando ao discente o desenvolvimento de uma consciência crítica e comprometida com a causa da educação” (informação verbal).

Questionadas sobre a prática pedagógica dessa disciplina, no período em estudo, as depoentes esclareceram:

A prática pedagógica foi realizada mediante estudos bibliográficos, planos de curso, planos de aula, estudo e reflexão de textos, trabalhos em equipe e outros. Os recursos didáticos utilizados eram bastante limitados: livro texto, álbum seriado, retroprojeter, mimeógrafo e aulas participativas (...). Os textos não eram um fim em si mesmo, mas para refletir a importância da educação. (...). Todo semestre íamos a Teresina para buscar novos textos porque aqui não tinha biblioteca (informação verbal)<sup>7</sup>.

---

UFPI/Picos. Contudo, a título de ilustração foi escolhido apenas um plano de cada década.

4 Professora que atualmente ministra a disciplina História da Educação no Campus de Picos. Depoimento concedido em junho de 2007 para a realização desta pesquisa.

5 Professora aposentada que ministrou a disciplina História da Educação no Campus de Picos nas décadas de 80 e 90. Depoimento concedido em abril de 2008 para a realização desta pesquisa.

6 Professora aposentada que ministrou a disciplina História da Educação no Campus de Picos nas décadas de 80 e 90. Depoimento concedido por Maria Eunice Soares Teixeira em abril de 2008 para a realização desta pesquisa.

7 Professora aposentada que ministrou a disciplina História da Educação no Campus de Picos nas décadas de 80 e 90.

“Partia de um planejamento conjunto com os professores de Teresina, pois o Plano de Curso era o mesmo e sempre íamos para uma prévia discussão. Dentro da sala de aula se estudava o texto de várias maneiras: aulas expositivas com discussão, seminários e avaliações escritas” (informação verbal)<sup>8</sup>.

Podemos indicar que os critérios das escolhas pedagógicas das duas depoentes acima foram como nos esclarece Chartier (2000), prioritariamente (mas não exclusivamente) referentes ao que cada um avaliou empiricamente como satisfatório, isto é, racionalmente realizável, viável no aqui e agora da classe.

Assim, temos que entender a complexidade da prática escolar para além da oposição entre prática tradicional e prática inovadora, pois “qualquer que seja o pólo valorizado, mascara de fato a existência de toda uma série de ações profissionais que constituem o tronco sobre o qual vêm se enxergando os estilos pedagógicos ou didáticos específicos, tradicionais ou renovados” (CHARTIER, 2000, p.165).

Percebemos ainda nos dois depoimentos acima transcritos uma preocupação em ir em busca do novo, de não permanecer estagnadas, de promover a reflexão crítica dos alunos.

As exigências legais sofridas nesse transcurso exigiram das professoras uma nova roupagem a essa disciplina, e como relata Eunice Teixeira, “a própria abertura política da época (anos 80 e 90) possibilitou o acesso a novos textos e novas ideologias” (informação verbal)<sup>9</sup>, ou como ratifica a depoente Conceição Albano “o estudo da disciplina oportunizou o despertar da consciência de uma educação libertadora, comprometida com a realidade, era a abertura política que possibilitava isso” (informação verbal)<sup>10</sup>.

Com base nesses depoimentos podemos afirmar que o período em estudo, ao tempo em que não produziu reforma curricular, mas apenas alterações nas ementas das disciplinas (o que pode ser constatado no quadro existente no final desse texto), possibilitou ao educador, em sala de aula, fazer uso de textos e metodologias que levassem à reflexão do contexto histórico, político e ideológico que estava sendo vivenciado naquelas décadas.

Maria Eunice Soares Teixeira fala ainda que a proposta para o ensino dessa disciplina era “contextualizar o aluno no processo educativo do País para entender o porquê do Brasil nunca priorizar a educação” (informação verbal)<sup>11</sup>.

Para Maria da Conceição Silva Albano a disciplina era trabalhada no sentido de “fazer com que o discente tivesse conhecimento de como ocorreu a educação no contexto geral: mundo (Grécia), Brasil (nos diversos períodos), no Piauí (...)” (informação verbal)<sup>12</sup>.

Pelos depoimentos, verificamos que a proposta de estudo da disciplina nem sempre contemplou a reflexão histórica, política e ideológica, uma vez que certo relato enaltece

---

Depoimento concedido por Maria da Conceição Silva Albano, em Picos, em abril de 2008.

8 Depoimento concedido por Maria Eunice Soares Teixeira, em Picos, em abril de 2008.

9 Ibidem.

10 Depoimento concedido por Maria da Conceição Silva Albano, em Picos, em abril de 2008.

11 Depoimento concedido por Maria Eunice Soares Teixeira, em Picos, em abril de 2008.

12 Depoimento concedido por Maria da Conceição Silva Albano, em Picos, em abril de 2008.

apenas a compreensão da história da educação.

Quanto à forma como esta disciplina era ministrada constatamos uma alteração apenas de nome dos professores o que pode ser confirmado pela fala da Professora Maria Alveni Barros Vieira

(...) a política de oferta disciplina/professor no CSHNB promove o rodízio de disciplinas entre o corpo docente, onde os professores do Campus vêm-se na obrigação de assumirem o magistério em caráter polivalente dada a carência de professores. Essa polivalência do mestre universitário no CSHNB dificulta o investimento, por parte do professor numa área específica do conhecimento transformando-os em mestres de superficialidades, ou seja, professores que dominam apenas rudimentos gerais de cada disciplina. Sem tempo para planejarem as disciplinas a serem trabalhadas, estas mantinham sempre os mesmos planos de curso sofrendo alterações somente no nome do professor que iria ministrá-la naquele período (informação verbal)<sup>13</sup>.

Por solicitação da própria professora Maria Alveni, desde 2004, a disciplina passou a ser ministrada regularmente por ela em razão de ter concluído o curso de Mestrado na área de História da Educação. Reestruturou a disciplina a partir do ementário existente buscando dar-lhe novas configurações. Nesse sentido, “o fenômeno educativo passa a ser trabalhado em sala de aula, mesmo que timidamente, numa perspectiva histórica, porém entremeado por um conjunto de reflexões conceituais, antes imaginadas apenas como abstrações inerentes à filosofia ou como questões sociológicas” (informação verbal)<sup>14</sup>.

Em virtude das exigências legais, do mercado de trabalho e do próprio avanço científico a estrutura curricular do curso de Pedagogia do Campus de Picos sofreu reformulação/atualização, no ano de 2005, o que repercutiu, também na disciplina História da Educação.

Foram estabelecidas as diversas áreas de ensino, dentre elas a de Fundamentos Históricos da Educação que hoje (2008) é constituída pelas seguintes disciplinas: História Geral da Educação, História da Educação Brasileira, História da Educação no Piauí, Gênero e Educação, além de Estudos e Pesquisas em História da Educação. Sendo que as três primeiras são obrigatórias e as demais optativas.

A disciplina ora em estudo passou a ser denominada História Geral da Educação e sua ementa foi modificada apresentando uma estrutura que pode ser visualizada no Quadro I existente no final deste texto.

Com base nos depoimentos percebe-se que o ensino da disciplina História da Educação “vem articulando a historicidade do fenômeno educativo através da mediação da sociedade mantendo a necessária abertura teórica sem dogmatismos” (informação verbal)<sup>15</sup> e vem também abrindo espaço à pesquisa e extensão, pois os docentes que estão ministrando esta disciplina têm, procurado, mesmo dentro desta estrutura de créditos

<sup>13</sup> Depoimento concedido por Maria Alveni Barros Vieira, em Picos, em junho de 2007.

<sup>14</sup> Ibidem.

<sup>15</sup> Ibidem.

teóricos, propiciar e envolver os discentes no mundo da pesquisa a exemplo da realização, por parte daqueles, da reconstituição da história da Escola Normal de Oeiras<sup>16</sup>, em que objetiva-se

levá-los a perceber o fenômeno educativo em tempos e espaços diferentes da história da humanidade a partir de indagações cuidadosamente organizadas como instrumentos facilitadores para a compreensão dos conteúdos trabalhados, como pro exemplo: qual o modelo de sociedade? O ideal de homem valorizado no período? Em qual espaço geográfico? Em que tempo? Qual educação? Essas e outras questões então elaboradas como elementos norteadores do processo ensino-aprendizagem nas aulas de História da Educação surgiram da necessidade de promover uma mudança na forma como a disciplina vinha sendo trabalhada, uma história da educação cronológica, fechada no passado, desvinculada dos problemas do presente. (informação verbal)<sup>17</sup>.

O relato acima nos permite afirmar que a interação sujeito, objeto e realidade, a partir da prática social do presente é que propicia a construção do conhecimento novo, mesmo que esse objeto se situe no passado. Assim, falar do ensino de uma disciplina requer falar de uma estrutura curricular e pensar nesta significa “pensar na existência de um saber escolar, um conhecimento que possui uma certa organização de cunho pedagógico, e uma forma como os professores o entendem” (HORN e GERMINARI, 2006, p. 67).

## CONCLUSÃO

Uma análise da vida escolar ao nosso redor, sob o ponto de vista das orientações que determinam a prática educativa nos remete a identificarmos tendências ou paradigmas consciente ou inconscientemente determinantes na linguagem, nas ações, nos instituídos garantindo esta ou aquela configuração escolar. Portanto, entender esta configuração é deslindar estes pressupostos, compreendendo-os em seu momento e nas determinações históricas que os configuraram.

A partir dos planos de curso localizados no **arquivo morto**<sup>18</sup> da UFPI e dos depoimentos coletados podemos constatar que o ensino da disciplina em estudo, nos últimos anos tem atendido ao que Nóvoa (1998, p.38) esclarece sobre a atuação de um historiador e de um educador:

O mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de pensar a história, interrogando os problemas do presente através das ferramentas próprias do seu ofício. O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do tempo, participando criticamente na renovação da escola e da pedagogia

tal postura foi visível nos depoimentos em que as professoras Eunice e Conceição

---

16 Instituições de formação de professores localizada numa cidade vizinha, Oeiras, a primeira capital do Estado do Piauí e pioneira na formação educacional do povo deste Estado.

17 Depoimento concedido por Maria Alveni Barros Vieira, em Picos, em junho de 2007.

18 Conjunto de documentos em desuso.

afirmavam ter necessidade de ir à cidade de Teresina, sede da UFPI, buscar o novo, as mudanças, ferramentas e atualizações para discutir com os discente, visando sempre impulsionar a renovação da disciplina História da Educação e possibilitar criticidade de seus alunos.

Verificamos que nos Planos de Curso o currículo apresenta-se, muitas vezes, numa teoria tradicional como fora caracterizada por Padilha no decorrer do desenvolvimento deste texto. Contudo, nas falas das professoras entrevistadas percebemos a presença marcante das teorias críticas e pós-críticas definidas também por Padilha, uma vez que as docentes buscavam despertar nos alunos a curiosidade e o desvelar dos porquês dos fatos e fenômenos educacionais através da História da Educação utilizando, para tanto, um olhar filosófico, questionador que superasse a superficialidade, por vezes, apresentadas nos textos didáticos.

Pelo exposto podemos afirmar também que a prática pedagógica dessas professoras foi ou está sendo construída dialeticamente como foi teorizado por Horn e Germani; assemelha-se ao descrito por Pimenta quando fala da prática enquanto processo composto de conteúdos, habilidades e posturas; e, finalmente aproxima-se do que Zabala esclarece acerca das possibilidades mediante as condições existentes.

Concluimos, portanto, que, se a escola tem um papel pedagógico específico, então, o ensino da disciplina História da Educação no Campus de Picos ao longo dessas três décadas também o tem revelado na medida em que as diferentes práticas ora enaltecem a transmissão do conhecimento historicamente acumulado, ora são instrumentos de compreensão do passado e ora são ferramentas na solução dos problemas contemporâneos relativos à história, à educação e à história da educação.

Constatamos, finalmente, que o professor ao trabalhar dessa ou daquela maneira, na realidade ele definiu suas ferramentas teóricas, estabeleceu seus pontos de referências com os quais exerceu sua dimensão hermenêutica uma vez que atribuiu sentidos, produziu interpretações do que viveu nas ações pedagógicas desenvolvidas, inseriu-se em uma vertente teórica e propôs a continuidade de uma reflexão-ação sobre seu projeto educativo, visto que ao educar, o educador já está produzindo uma prática geradora de uma teoria pedagógica, posto que esta constitui aquela, de forma a não se saber onde começa uma e onde acaba a outra.

## REFERÊNCIAS

ALBANO, Maria da Conceição Silva. **Depoimento** [abr. 2008] concedido à pesquisadora Norma Patrícia Lopes Soares para a realização desta pesquisa.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Considerações sobre o ensino da História da Educação no Brasil. In: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. (Coleção memória da educação).

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas**. São Paulo: Artmed, 2000.

DE DECCA, E. S. Memória e cidadania. In: CUNHA, M. C. P. (org.). **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992, p. 129-136.

GARRIDO, J. A. I. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História: memória, história e historiografia**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 13, n. 25/26, set./ago. 1993.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. **O ensino de história e seu currículo: teoria e método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. In: BURKE, Peter. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NÓVOA, Antônio. História da Educação: novos sentidos, velhos problemas. In: Justino Magalhães. (Org.). **Fazer e ensinar História**. Minho: Universidade do Minho, 1998, p. 35-54.

PADILHA, Paulo Roberto. **Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

RANZI, Serlei Maria Fischer. Memória e história das disciplinas escolares. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007, p.322-354.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte/Porto Alegre: Artes Médicas: 1999.

SOUSA, Ana Teresa Silva. **A formação do licenciado em pedagogia: uma questão em aberto**. Teresina: EDUFPI, 2003.

TEIXERA, Maria Eunice Soares. **Depoimento** [abr. 2008] concedido à pesquisadora Norma Patrícia Lopes Soares para a realização desta pesquisa.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Depoimento** [jun. 2007] concedido à pesquisadora Norma Patrícia Lopes Soares para a realização desta pesquisa.

<b>NOME DA DISCIPLINA</b>	<b>ANO/ PERÍODO</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>EMENTA</b>
Elementos da História Antiga	1982/2	45h	1. Introdução; 2. Pré-História; 3. A antiguidade oriental; 4. Antiguidade Grega; 5. O Império de Alexandre e a civilização helenística; 6. As instituições e costumes da Grécia antiga; 7. O pensamento grego; 8. Roma; 9. Sociedade romana; 10. As instituições romanas; 11. A atividade intelectual.
História da Educação	1995/2	60h	Conceito, Importância e Divisão da História da Educação; Tipos históricos da Educação Antiga; Correntes tradicionais da Educação; Modelos mais recentes de educação; Tendências progressistas contemporâneas.
História da Educação	2003/2	60h	Conceitos, métodos e importância da História da Educação; Educação nas sociedades; Tendências e perspectivas da Pedagogia e da Educação na atualidade.
História Geral da Educação	2008/1	60h	Conceito, método, importância e divisão da História da Educação. Educação nas sociedades: primitiva, oriental, grega, romana e cristã primitiva. Educação medieval. Educação renascentista: humanismo reforma e contra reforma. A Educação Moderna: Realismo, Iluminismo e naturalismo pedagógico. Educação na contemporaneidade – Séculos: XIX, XX e XXI. Tendências da Pedagogia e da educação atual.

QUADRO I - RESUMO DA EVOLUÇÃO CURRICULAR DA DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Fonte: Arquivo Morto da UFPI/Picos